

O ENSINO DA GRAMÁTICA

Alcinda F. dos Santos

A linguagem nunca será valorizada o suficiente. A humanidade, no intercâmbio da comunicação, utiliza a língua estruturada num sistema de signos.

O homem caminha numa evolução avassaladora, desde a antiguidade até nossos dias, buscando sempre o aprimoramento da linguagem, realizando uma contínua reflexão no que diz respeito "à sua natureza, origem, estrutura e funcionamento".

Depois de longo período parecer florescer, assumindo a amplitude que lhe ofereceu o século XX, a ciência lingüística, iniciada pela observação e investigação pelos hindus, gregos e romanos.

Atualmente, todos os que se devotam à pesquisa da comunicação, como a psicologia, a sociologia, a filosofia, a pedagogia, a metodologia, estão envolvidos no estudo científico da linguagem, não sendo esta, portanto, limitada à lingüística.

O ensino da língua materna, todavia, sofre as conseqüências de uma evolução desenfreada, "de uma civilização em transição ou em decadência".

Não se pode negar a evolução do ensino nos últimos anos, entretanto pode-se dizer "talvez menos nos conteúdos que nas estruturas", principalmente, no que se refere à gramática. Afastando-se de outros problemas postos pelo ensino da língua materna, necessário se faz lembrar a especial posição que ela ocupa no âmbito das demais disciplinas que compõem o currículo escolar.

A gramática é de grande relevância no ensino; quer no código oral ou escrito, ela é o embasamento de toda a comunicação lingüística. Para, realmente, conhecer uma língua é necessário conhecer suas regras, não sendo, porém, necessário conhecer todo o seu vocabulário, bastando uma parte do mesmo (Todorov). Em outras palavras, o papel da gramática é de suma importância no aprendizado da língua materna e "até que ponto é cabível a preocupação com a maneira como ela é ensinada".

Evidencia-se, entretanto, a diferença entre o jovem estudante do passado e o atual, uma vez que o primeiro ao sair da escola manipulava uma língua, talvez não requintada, mas, pelo menos, correta; enquanto que, com o nosso estudante, já não ocorre o mesmo.

Constata-se, com isso, que há necessidade do ensino da gramática desde as primeiras séries e em todos os cursos de aprendizado, objetivando conduzir o educando ao uso correto da língua materna.

O presente trabalho não tem pretensões além de mostrar a importância dedicada ao estudo, ou, sem maiores ambições, talvez, contribuir para uma reflexão sobre o ensino da gramática, tendo em vista que não pode divorciar-se da reflexão sobre a língua.

OBJETIVOS DO TRABALHO

- Esboçar uma fundamentação teórica como referência à valorização do ensino da gramática;
- sugerir uma reflexão para o impasse que está fazendo o ensino da gramática escolar contemporânea;
- suscitar uma pesquisa, focalizando um paralelo entre o ensino sistemático e assistemático da gramática;
- demonstrar a preocupação de "que não se pode continuar vivendo de um ensino gramatical cuja ineficácia é comprovada." (1)

JUSTIFICATIVA

O ensino gramatical em sala de aula vem sofrendo, através da evolução, as transformações de nossas gramáticas que buscam uma melhor compreensão para um melhor aprendizado, preocupados em acompanhar as exigências atuais do ensino.

As diferenças existentes pelo contexto sócio-econômico-cultural, tanto do aluno como do professor, impedem, muitas vezes, um trabalho eficiente que proporcione condições de aprendizagem, de desenvolvimento e de raciocínio.

Várias causas poderiam ser apontadas, que dificultam as condições de um ensino e aprendizagem satisfatórias, entre elas destacam-se:

- a não-uniformidade de ensino em nossas escolas;
- a falta de seqüência lógica nos conteúdos programáticos a serem desenvolvidos da série para série e de escola para escola;
- a diversificação das bases curriculares entre escolas pertencentes a mesma tipologia.

(1) Emile Genouvrier, *Linguística e Ensino do Português*, p. 124.

O presente trabalho não tem pretensão de criticar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nem os aplicadores dessa mesma Lei em suas várias abordagens, mas, sim, demonstrar uma preocupação que atinge centenas e centenas de professores que comungam a mesma problemática.

Justifica-se a elaboração deste trabalho no sentido de alertar e/ou apelar aos Professores de Língua Portuguesa, através da valorização e exploração do ensino da língua materna, isto é, da gramática, pois é dela que parte o ensino para pronunciar, escrever e falar corretamente toda e qualquer língua, às perguntas:

- o quê e como se ensina a gramática em sala de aula?
- nosso aluno fala e escreve corretamente?
- ao concluir o 1.º e 2.º graus tem condições de estruturar corretamente uma frase na língua culta ou mesmo na chamada língua coloquial?

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme Leonor Cabral, "a gramática é constituída de um conjunto finito e ordenado de regras capazes de gerar todas as orações gramaticais de uma língua e nenhuma agramatical, conferindo-lhes uma descrição estrutural."

A gramática, portanto, não é e nem poderá ser um fim, mas um meio ao alcance de professores e alunos com a finalidade de disciplinar a linguagem. É o meio pelo qual procura-se atingir a forma ideal da expressão oral e escrita.

1.1. GRAMÁTICA PORTUGUESA NOS MOLDES DA LÍNGUA

As primeiras gramáticas do português foram elaboradas no século XVI. No decorrer do período da Idade Média acompanhou-se sua pequena evolução.

Sua elaboração baseia-se nos moldes da língua latina. Sofre uma lenta evolução, marco decisivo da sua história, no período da Renascença, seguindo o exemplo do que ocorria nas nações neolatinas.

Discute-se sobre a língua-padrão desde o século XVI, coincidindo com as primeiras tentativas "de gramaticalização do idioma."

Nesse período é apontado, como exemplo, a fala dos habitantes da corte tida como "das melhores." Houve discordância desse aspecto nos séculos XVII e XVIII, em Portugal, entre Lisboa ("capital política e econômica") e Coimbra ("sede da Universidade"), conforme Emile Genouvrier. Os gramáticos do século-XX cultuaram a prosa literária do período Clássico, representação de prestígio tanto político como literário.

O Romantismo literário, no Brasil, marca o surgimento da língua nacional dentro de implicações políticas, tendo em vista a ânsia de independência no que se refere à lingüística, "pelo desenvolvimento de uma linguagem não-comprometida com os moldes portugueses" (1). Essas correntes, todavia foram em minoria, deitando-se em realçar as diferenças habitacionais do povo brasileiro, a exemplo de José de Alencar, através das obras "indianistas" e "sociais".

1.2. GRAMÁTICA TRADICIONAL

Longo foi o período marcado pelo prestígio da língua literária no ensino, atribuído à gramática uma característica normativa: "a gramática tomada nesse sentido, define um estado da língua considerado como correto em função de uma norma fixada pelos teóricos, ou aceita pelo uso, ou seja, o código lingüístico aceito socialmente como sendo o código correto. É nesse sentido que se fala em **erros de gramática**" (2).

Dentro desse aspecto continua sendo nosso ensino. Não se pretende dizer que seja errado seguir exemplos da língua literária e sim que um ensino normativo, através de uma pedagogia incompleta, dentro de um jogo de palavras, torna-se monótono e mesmo indesejável; distancia os alunos de diferentes níveis sócio-econômico-cultural.

A gramática tradicional tem por objetivo prescrever normas para o uso da língua. Tende para a classificação de palavras isoladas em categorias gramaticais. Caracteriza-se na língua latina, símbolo de imutabilidade de unidades subjacentes. Contribui para o ensino com normas lingüísticas para orientar o emprego correto da língua.

Verifica-se que a gramática tradicional segue os moldes latinos e seu procedimento prende-se à distinção de palavras isoladas, isto é, desinências, prefixos, sufixos e a classificação dessas palavras, segundo as "partes do discurso", nas categorias: "nome, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Subdividindo-se o nome em nome substantivo e nome adjetivo" (3).

É ainda desconhecido, para muitos, a atividade científica que tem por objetivo a linguagem. A maioria conhece dois tipos de atividades no plano da linguagem e das línguas.

- a) Refere-se a atividade normativa determinada para o conhecimento e o ensino de falar bem e correto; preocupam-

(1) Genouvrier, *Lingüística e Ensino do Português*, p. 143.

(2) *Ibid.*, p. 143 e 144.

(3) Francisco da Silveira Bueno, *Gramática Normativa*, São Paulo, Saraiva, 1958, p. 113.

se em ditar regras de gramática, de vocabulário e de ortografia, afastando-se a realidade da língua.

- b) adquirir o conhecimento de duas ou mais línguas além da nativa: "o poliglottismo, cujo prestígio é geralmente considerável" (1).

É importante demonstrar que a lingüística contemporânea abriu novos caminhos à gramática, devendo despertar a atenção, o interesse e dedicação aos pedagogos.

1.3. A EVOLUÇÃO LINGÜÍSTICA

A lingüística, uma ciência jovem, florescente e ativa, surge procurando descobrir seu próprio objeto; sua primeira conquista; que é o conhecimento do aspecto interno da língua como a competência lingüística (2) e a atuação do falante num determinado tempo e espaço.

Sua história registra a evolução das correntes lingüísticas desde a pré-lingüística até nossos dias.

A lingüística teve sua autonomia com Ferdinand de Saussure em seu Curso de Lingüística Geral, ministrado na universidade de Genebra, em 1906 e 1911 e publicado em 1916. A nova ciência atrai vários estudiosos com o objetivo de conhecer a estrutura e evolução da linguagem humana.

1.3.1. GRAMÁTICA ESTRUTURAL

Em seu CLG, Saussure admite como objeto, "stricto sensu", da lingüística, a língua como um sistema de signos, apondo-se dentro do eixo sintagmático e paradigmático. A língua existe como um produto social, na mente de cada falante de uma comunidade como um fenômeno heterogêneo, ao contrário da fala, ato puramente individual, sujeito a muitas interferências de fatores extralingüísticos.

O falante é livre para usar a língua, sendo, portanto, difícil descrevê-la. No entanto, preso ao sentido e forma, significado e significante, a língua é considerada por Saussure como fenômeno de comunicação unitário composto de "langue/parole"; a língua foi dita como um sistema e a fala como sua realização, acentuando que cada língua estrutura-se de modo particular numa comunidade lingüística, diacrônica e sincronicamente, portanto como produto e instrumento de comunicação entre o ser humano. Esse molde passa a chamar-se gramática estrutural.

(1) Genouvrier, *Lingüística e Ensino do Português*, p. 148.

(2) *Ibid.*, p. 199 — "o conjunto das aptidões especializadas que um sujeito falante adquiriu em sua primeira infância".

O Romantismo literário, no Brasil, marca o surgimento da língua nacional dentro de implicações políticas, tendo em vista a ânsia de independência no que se refere à lingüística, "pelo desenvolvimento de uma linguagem não-comprometida com os moldes portugueses" (1). Essas correntes, todavia foram em minoria, deitando-se em realçar as diferenças habitacionais do povo brasileiro, a exemplo de José de Alencar, através das obras "indianistas" e "sociais".

1.2. GRAMÁTICA TRADICIONAL

Longo foi o período marcado pelo prestígio da língua literária no ensino, atribuído à gramática uma característica normativa: "a gramática tomada nesse sentido, define um estado da língua considerado como correto em função de uma norma fixada pelos teóricos, ou aceita pelo uso, ou seja, o código lingüístico aceito socialmente como sendo o código correto. É nesse sentido que se fala em **erros de gramática**" (2).

Dentro desse aspecto continua sendo nosso ensino. Não se pretende dizer que seja errado seguir exemplos da língua literária e sim que um ensino normativo, através de uma pedagogia incompleta, dentro de um jogo de palavras, torna-se monótono e mesmo indesejável; distancia os alunos de diferentes níveis sócio-econômico-cultural.

A gramática tradicional tem por objetivo prescrever normas para o uso da língua. Tende para a classificação de palavras isoladas em categorias gramaticais. Caracteriza-se na língua latina, símbolo de imutabilidade de unidades subjacentes. Contribui para o ensino com normas lingüísticas para orientar o emprego correto da língua.

Verifica-se que a gramática tradicional segue os moldes latinos e seu procedimento prende-se à distinção de palavras isoladas, isto é, desinências, prefixos, sufixos e a classificação dessas palavras, segundo as "partes do discurso", nas categorias: "nome, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Subdividindo-se o nome em nome substantivo e nome adjetivo" (3).

É ainda desconhecido, para muitos, a atividade científica que tem por objetivo a linguagem. A maioria conhece dois tipos de atividades no plano da linguagem e das línguas.

- a) Refere-se a atividade normativa determinada para o conhecimento e o ensino de falar bem e correto; preocupam-

(1) Genouvrier, *Lingüística e Ensino do Português*, p. 143.

(2) *Ibid.*, p. 143 e 144.

(3) Francisco da Silveira Bueno, *Gramática Normativa*, São Paulo, Saraiva, 1958, p. 113.

se em ditar regras de gramática, de vocabulário e de ortografia, afastando-se a realidade da língua.

- b) adquirir o conhecimento de duas ou mais línguas além da nativa: "o políglotismo, cujo prestígio é geralmente considerável" (1).

É importante demonstrar que a lingüística contemporânea abriu novos caminhos à gramática, devendo despertar a atenção, o interesse e dedicação aos pedagogos.

1.3. A EVOLUÇÃO LINGÜÍSTICA

A lingüística, uma ciência jovem, florescente e ativa, surge procurando descobrir seu próprio objeto; sua primeira conquista; que é o conhecimento do aspecto interno da língua como a competência lingüística (2) e a atuação do falante num determinado tempo e espaço.

Sua história registra a evolução das correntes lingüísticas desde a pré-lingüística até nossos dias.

A lingüística teve sua autonomia com Ferdinand de Saussure em seu Curso de Lingüística Geral, ministrado na universidade de Genebra, em 1906 e 1911 e publicado em 1916. A nova ciência atrai vários estudiosos com o objetivo de conhecer a estrutura e evolução da linguagem humana.

1.3.1. GRAMÁTICA ESTRUTURAL

Em seu CLG, Saussure admite como objeto, "stricto sensu", da lingüística, a língua como um sistema de signos, apondo-se dentro do eixo sintagmático e paradigmático. A língua existe como um produto social, na mente de cada falante de uma comunidade como um fenômeno heterogêneo, ao contrário da fala, ato puramente individual, sujeito a muitas interferências de fatores extralingüísticos.

O falante é livre para usar a língua, sendo, portanto, difícil descrevê-la. No entanto, preso ao sentido e forma, significado e significante, a língua é considerada por Saussure como fenômeno de comunicação unitário composto de "langue/parole"; a língua foi dita como um sistema e a fala como sua realização, acentuando que cada língua estrutura-se de modo particular numa comunidade lingüística, diacrônica e sincronicamente, portanto como produto e instrumento de comunicação entre o ser humano. Esse molde passa a chamar-se gramática estrutural.

(1) Genouvrier, *Lingüística e Ensino do Português*, p. 148.

(2) *Ibid.*, p. 199 — "o conjunto das aptidões especializadas que um sujeito falante adquiriu em sua primeira infância".

Na primeira década do século XX, o norte-americano Leonard Bloomfield reforçando a teoria estruturalista, mais ou menos, em 1933 em seu "Langage", atendo-se à descrição lingüística, considera a linguagem como um sistema de comunicação que se realiza por meio da fala. Parte do estudo de um "corpus", preocupando-se com a estrutura de superfície e a análise dos aspectos da fonologia e morfologia, sobrepondo-se à sintaxe.

Sua teoria é essencialmente indutiva e mecanista. O estruturalismo admite que as normas lingüísticas possam ser dadas num embasamento numérico de fatos sincronicamente observáveis.

Em 1957, Noam Chomsky revolucionou o estudo científico da linguagem, sendo inegável a que mais influência exerce, destacando-se pelo seu dinamismo. Não existe estudioso atualizado que possa ignorar as contribuições teóricas trazidas por ele. Sustentou que os princípios subjacentes à estrutura da língua são específicos e altamente articulados que devem ser vistos como determinados à "natureza humana".

1.3.2. GRAMÁTICA GERATIVA TRANSFORMACIONAL

Denomina-se, esse modelo, gramática gerativa transformacional.

Enquanto para Saussure a língua se situa dentro do circuito da fala, Chomsky dá realce total à língua como um conjunto de regras, ordenadas em grande parte, que permite ao falante de uma determinada língua gerar um número não-finito de orações gramaticais.

A G.G.T. procura dar conta da intuição do falante e busca os universais lingüísticos (1) que explicitariam a faculdade inata do homem para a linguagem.

Chomsky admite que a competência lingüística é adquirida a partir de um mecanismo mental que permite internalizar regras para depois usá-las. Considera, ainda, que a estrutura de superfície dos enunciados poderá transformar-se em duas ou mais estruturas diferentes. É a competência, portanto, um fenômeno individual, enquanto a língua é um produto social. A G.G.T. possibilita a recursividade, seu método é dedutivo, todavia, dadas as regras a partir da indução lingüística do falante nativo. As hipóteses de um estudo lingüístico são anteriores à observação pela G.G.T. Ampliando a capacidade criativa do falante a quem cabe decidir se uma oração é ou não gramatical, são explicitadas, através da G.G.T., as regras geradoras de sentenças lingüísticas.

(1) "Signo lingüístico, língua, funções da linguagem, dupla articulação, os componentes da gramática, etc., isto é, tudo o que é encontrado em todas as línguas, através do espaço e do tempo", segundo Leonor Cabral.

A G.G.T. entra no campo da sintaxe e da semântica, deixando para um segundo plano a fonologia e a morfologia.

1.3.3. TENTATIVA PARA UMA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA

O valor educacional da lingüística moderna está na preocupação com o material didático.

A gramática pedagógica viria contribuir para o ensino, porque seu objetivo seria desenvolver a habilidade do falante para reconhecer e produzir sentenças. "Isto é, um falante pode aceitar uma seqüência de elementos arbitrários e selecionados no seu vocabulário, determinar se é ou não uma sentença na sua língua e, se assim for, dar a ela sua descrição estrutural e interpretação semântica corretas", conforme Saporta.

Segundo o mesmo, estaria a "elaboração da gramática pedagógica pela necessidade de conhecer, selecionar e trabalhar uma língua para falar sobre ela".

Corder e Saporta concordam que o principal valor da lingüística está na aplicação e dedicação para a confecção do material didático e de gramáticas pedagógicas — centro de preocupação do lingüista aplicado.

A gramática pedagógica estaria voltada para o ensino e levaria em consideração outros aspectos, além da linguagem: relações técnicas, embasamento em teoria lingüística, lingüística descritiva, psicologia, técnicas de ensino.

A elaboração de um pequeno esboço sobre a gramática pedagógica teve por base Sol Saporta — "Gramáticas Científicas e Gramáticas Pedagógicas" —.

A inclusão deste tópico tem por objetivo atrair a atenção à necessidade de uma pedagogia adequada ao ensino da gramática. Tem-se a impressão que uma gramática pedagógica poderia solucionar, se não o todo, pelo menos parte dos problemas que enfrentam os professores de língua portuguesa, em sala de aula. Observa-se, entretanto, o cuidado de situá-la no futuro do pretérito, uma vez que, conforme Genouvrier, p. 228, ainda não foi construída a pedagogia da gramática.

1.4. A SITUAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA

A língua materna sofre um impasse em relação ao seu mau uso. Não um impasse nacional, mas um impasse mundial. Esse, entretanto, não deve ser um motivo tranquilizador, muito pelo contrário. Necessário se faz considerá-lo como realmente é: "um problema sério e como tal deve ser encarado pelas autoridades competentes, lingüistas e professores responsáveis", conforme Scarton.

Deve-se esta situação à constatação da realidade, isto é, à "desvalorização do correto, do normativo e conseqüente relaxa-

mento no falar e no escrever. Tudo o que exige esforço e apuro é banido ou posto de lado", segundo Clemente.

A extinção normativa afastou o ensino da gramática; a falta de leitura e interpretação de texto, a falta de expressão oral e escrita, a falta do desenvolvimento da habilidade de saber escutar, ler e escrever, a aplicação de uma "nomenclatura" não adequada ao nível da classe, tudo isso e outras não mencionadas, trazem a problemática da língua materna.

Tem-se a impressão de estar diante de um problema aparentemente simples, mas na realidade é um problema muito complexo.

Além do que foi dito acima que preocupa e desconcerta o professor de língua portuguesa, cabe-lhe a responsabilidade do insucesso do aluno no âmbito de outros campos, tais como: história, geografia, matemática, ciências, etc., pois é através da língua materna que se desenvolve o ensino.

É no convívio da família que a criança aprende a falar, adquirindo hábitos de linguagem bons ou maus. Acresce a esses, posteriormente, o vocabulário do âmbito de sua comunidade geossocial e cultural, sendo essa linguagem coloquial que a criança leva para a sala de aula. Difícil é (para não ser pessimista) determinar essas aptidões lingüísticas. Depara-se, o mestre, diante de uma classe que está distante da homogeneidade e repleta de variações lingüísticas. Conforme Seco (1972 p. 231) não é a classe social que fixa as diferenças no uso da língua, mas o nível de cultura a ela associado, tendo em vista a desigualdade de aquisição para um aprimoramento educacional aos integrantes das várias classes que formam essa comunidade.

Carvalho (1967, p. 304 — 12) dispõe em pólos distintos dois tipos de comunicação denominado estilo coloquial e estilo refletido e que corresponde à distinção que geralmente é feita entre a língua falada e escrita. O estilo coloquial é caracterizado "como meio de exteriorizar conteúdos cognitivos relativamente pobres", destinados à finalidade prática da comunicação diária, efetuando quase inconscientemente a preferência das formas lingüísticas, despreocupando-se com as normas gramaticais.

Os fatos, supracitados, demonstram o importante papel da gramática na escola. Cabe em consequência permitir à criança aprender a falar melhor. Consciente disso, o professor de língua portuguesa terá condições de elaborar um planejamento não "a priori", como é feito a maioria das vezes, para vencer a marcha desenfreada do tempo, mas "a posteriori", sem vacilar em fixar um programa diante de uma lingüística tão diversificada.

1.4.1. O ENSINO ASSISTEMÁTICO DA GRAMÁTICA

O ensino da gramática sofre das insuficiências de informações duplicada com o rigor de uma crença extinta. Dentro dessas fases "toda uma orientação pedagógica recente tende a rejeitá-lo" (1)

mais pela segunda que pela primeira. Segundo essa orientação, trata-se de proporcionar à criança o máximo de liberdade: "a língua materna é uma realidade viva" (2); a movimentação do aluno, dentro da língua, deve ser natural e espontânea, expressando-se com ampla liberdade tanto na oral como na escrita, "impregnando-se" de várias leituras, de audição musical, slide, televisão, etc. Dentro dessas condições será ocasional o surgimento da gramática e distante de um ensino sistemático.

O diálogo é, atualmente, empregado com frequência na sala de aula, onde o professor fica como um espectador, apreciando o debate entre os alunos, ansiosos por captar o assunto. Exemplifica-se, no caso, a análise de uma frase em que o professor intervinha para reiniciar o diálogo conduzido por um aluno. Esse fato foi visto através de um filme e transportado para a sala de aula onde, na realidade, acontece entre professor e aluno.

Com a aplicação dessa técnica, prestando atenção no aluno, verifica-se a angústia em seus olhos por não compreender em que ponto pretende chegar o mestre. Com o pretexto de deixar livre a iniciativa do aluno, faz-se com que esse tempo perdido se desenvolva num "debate estéril sobre sua língua, quando é incapaz de praticá-la corretamente" (1). Na realidade, o diálogo é necessário à vida escolar, mas é impossível crer que um tema, conduzido dessa forma, seja eficaz. "Atitude significativa de uma pedagogia que se define como transmissão de um saber estável e se situa por isso mesmo ao nível da técnica de aula, quando para nós a pedagogia continua sendo interrogação sobre esse mesmo saber" (2).

"A linguagem não é limitação ou liberdade" (3), porém é ambas as coisas ao mesmo tempo; limitação, porque está baseada numa língua coloquial-comunitária; livre, porque possibilita a cada um decantar-se e decantar o mundo. Essa liberdade seria bem maior se houvesse o domínio indispensável da língua pelo falante. Não é esse um fato gritante?

Pelo que foi acima exposto pode-se verificar que não há conexão entre a língua e a pedagogia, que não há o desenvolvimento do ensino da gramática numa seqüência lógica dos elementos que a compõe, nem como esses elementos podem ser agrupados ou desmembrados, para um aprendizado eficiente. O que vale dizer: desenvolve-se um ensino assistemático.

1.4.2. O ENSINO SISTEMÁTICO DA GRAMÁTICA

Desnecessário se faz insistir na pobreza lingüística do nosso aluno. Admitida essa pobreza não se permite a limitação e testagem dessa indigência. Basta a conscientização para a construção de exercícios sobre a aprendizagem da língua.

(1) Genouvrier, p. 222.

(2) Ibid. p. 222.

É preciso advogar por um verdadeiro ensino da língua materna, isso quer dizer, "do vocabulário e da gramática", em todas as séries e níveis da vida escolar.

Constata-se o quanto é importante e fundamental o papel da gramática quer se trate da língua oral ou escrita; ela é o embasamento de toda a comunicação lingüística; impõe-se em todas as séries e níveis seu ensino gradativo. Deixa-se de exemplificá-lo, porque ainda não existe uma pedagogia gramatical atualizada. Segundo Genouvrier, p. 223, "definir um conteúdo mais adequado, sistematizá-lo através de uma pedagogia ativa e aberta às realidades da criança, é conduzir finalmente o aluno às liberdades essenciais".

1.4.3. "QUE GRAMÁTICA ENSINAR"

Essa é uma pergunta formulada por centenas de professores de língua portuguesa.

Vale dizer a importância do professor nas primeiras séries da vida escolar. A criança não adquiriu nada, as estruturas fundamentais da gramática; por outro lado não pode ser esquecido o que a mesma tem capacidade de compreender, de escrever ou de pronunciar. Daí a necessidade de construir exercícios que lhe permita utilizar mecanismos básicos de gramática que ela, até então, desconhecia, cabendo ao mestre o conhecimento da gramática e não ao educando. A preocupação em conduzir a criança à automatização de estruturas de base, é enriquecer sua competência lingüística.

A "gramática imanente" à competência" do falante nativo é, essencialmente, oral. Na realidade, o código possui um caráter complexo dentro das possibilidades de subordinação, apelando para um sistema verbal mais requintado, exigindo uma coerência sólida no que se refere à estrutura frasal, quando, esta pode fragmentar-se e mesmo ficar inacabada, na língua oral, (Genouvrier, p. 225).

Progressivamente o aluno tomará consciência das realidades gramaticais. Tudo, porém, está por fazer, inclusive a definição de um programa a ser desenvolvido.

O professor deve se conscientizar, segundo Matos, que existe mais de um enfoque sobre o estudo da linguagem e dentro de uma abordagem poderá ocorrer métodos diferentes, logo compreender que não é possível haver contradições entre técnicas de ensino e os princípios básicos da abordagem utilizada.

Como até a presente data ainda não foi confeccionada uma gramática pedagógica e como é necessário para o professor de lín-

(1) Ibid. p. 222.

(2) Ibid. p. 222.

(3) Ibid. p. 222.

guas que a mesma seja completa mais do que cientificamente consistente que os exemplos, nela contidos, sejam mais úteis que as definições, deverá, o mestre, basear-se para a descrição de uma língua, nas prestimosas gramáticas do passado (Mackey).

"O fato é que a maioria das novas gramáticas lingüisticamente aprovadas, que estão sendo aplicadas ao ensino de línguas são mais difíceis de serem e muito menos completas do que os antigos trabalhos" (Mackey).

Verifica-se que não seria necessário a criação de uma nova gramática, mas sim adaptar e reformular a gramática tradicional, pois seu aprendizado ainda se faz necessário. Portanto, é admitido que as antigas teorias gramaticais universais estavam e estão mais necessitadas de uma revisão do que de uma rejeição.

Depois disto, o professor terá condições de tomar uma posição sobre esta ou aquela teoria lingüística, sua estrutura, descrição e técnicas para a sua aplicação no ensino-organização sistêmica de condições e conhecimento específico.

2. SUGESTÕES PARA O ENSINO DE 1.º GRAU

2.1. OS MÍNIMOS EXIGIDOS

As sugestões aqui apresentadas foram desenvolvidas por uma equipe de professores. Ressalta-se que as mesmas ainda não foram testadas, portanto passíveis de alteração e/ou alterações. Os conteúdos foram distribuídos, tendo por base os documentos de Ensino do 1.º grau no Rio Grande do Sul (SEC, 1972 — 2 e 3) que visa a uniformizar as atividades curriculares nos municípios de jurisdição das Delegacias de Educação, visando ao melhor aproveitamento do aluno.

CONCLUSÃO

A preocupação do homem sempre foi descobrir os mistérios do instrumento profundo e maravilhoso de que dispõe: a competência lingüística. Nessa busca observa e pesquisa, ganhando, na atualidade, a amplitude. A lingüística assume tal proporção no meio científico-cultural que "é hoje considerada como a encruzilhada da vida contemporânea".

A existência da ciência da linguagem é ainda desconhecida hoje em dia; entretanto é preciso saber que a lingüística, atualmente, abriu novos caminhos para o ensino da gramática.

Com base na pesquisa desenvolvida, evidencia-se o valor do ensino da gramática em todas as séries e cursos para que a língua oral e escrita possa ser usada senão refinada pelo menos correta.

Mestres de talento, no entanto, já tentaram reformular o ensino da gramática, pois já haviam constatado sua ineficiência. Seus esforços foram por demais isolados e não se tornaram eficazes.

O ensino atual da língua materna, centro de preocupação do mais alto nível, é acusado de ineficiente. Nessa área o fracasso é mais evidenciado, tendo em vista que a língua é um instrumento de comunicação, não só na escola mas nos vários setores da comunidade geossocial; entretanto existe insatisfação no ensino em geral. A insuficiência do rendimento de aprendizagem tem sido criticada freqüentemente, através da imprensa, a exemplo o resultado recente do vestibular.

"O problema ultrapassa o âmbito da escola ou da educação sistematizada: a incapacidade de usar com adequação e eficácia a língua oral e escrita é revelada não só pelos jovens, por estudantes, mas por indivíduos de todas as idades, por profissionais das mais variadas ocupações, não só em trabalhos escolares mas em muitas outras formas de comunicação oral e escrita — jornais e revistas, teatro, publicidade, rádio e televisão e, até em leis, decretos e atos administrativos", disse o conselheiro Abgar Renault em recente parecer aprovado pelo Conselho Federal de Educação". (Comissão de MEC — LH p. 35)

A valorização do ensino da língua materna deve estender-se em todos os cursos; depois disto, desnecessário seria entrar em maiores detalhes, a não ser recomendar aos professores de outras disciplinas que se atualizem e colaborem, empregando e exigindo o emprego correto da língua materna.

Retomando o objetivo fundamental do presente trabalho — o ensino da gramática — cabe ainda dizer que a língua culta é a representação do ideal lingüístico, havendo, entretanto, um ponto comum com a língua coloquial.

Urge atualizar o ensino gramatical, para desenvolver o ensino da língua e "apurar o sentimento da linguagem", mostrando o cer-

to e o errado; propiciando meios para o aluno ser capaz de apreciar as belezas da língua figurada, das tonalidades semânticas, das diversas construções, tanto no domínio da língua coloquial como da língua culta, quer oral ou escrita.

Desnecessário será explicitar que o ensino da gramática não se restringe em memorizar a nomenclatura gramatical, mas conduzir o aprendiz, habituando o aluno a refletir, a trasladar a teoria para os fatos concretos da língua. A dedicação do mestre não será menor às aulas de leitura e interpretação de texto; dando ênfase à leitura oral, para evitar que o jovem estudante diante de uma platéia não venha sentir-se humilhado por uma leitura gaguejada e assustada por conseguir ultrapassar o obstáculo de um vocábulo desconhecido que não faz parte das revistas de histórias em quadrinhos. Justificada está a necessidade de insistir "na leitura corrente e expressiva, com os termos devidamente compreendidos" após a consulta no dicionário pelo próprio aluno.

Despertada a atenção, atraído o interesse pelo texto devidamente escolhido, o aluno passará a conceituá-lo de outra forma ponto inicial para debates relativos à prosódia, à grafia, o vocabulário, a formação de palavras, à flexão, à sintaxe, à estilística, à etimologia e à semântica; desenvolvendo, paralelamente, um ensino discreto e racional da gramática.

O convívio com o texto literário selecionado de forma inteligente, dentro de um ensino construtivo, o aluno se convencerá que a língua literária é um instrumento de expressão, de libertação à comunicação oral e escrita.

Verifica-se, no entanto, que esse não é um ensino sistemático, porém é hora de ganhar tempo e não esquecer que o futuro do aluno está em jogo.

Ao concluir o presente trabalho, certifica-se que não se pode esperar que o ensino mude a partir de amanhã; é preciso paciência. "A renovação pedagógica passa por uma revisão dos conteúdos do ensino"; unindo esforços entre lingüistas e profissionais do ensino fácil será atualizá-lo e sistematizá-lo à elaboração de programas mais eficientes.

BIBLIOGRAFIA

- CABRAL, Leonor Scllar, *Introdução aos estudos lingüísticos*, Globo, Porto Alegre, 1974.
- SAUSSURE, Ferdinand de, *Curso de lingüística geral*, Cultrix, São Paulo, 1975.
- GENOUVRIER, Emile & PEYARD, Jean *Lingüística e o ensino do português*. Coimbra, Almada, 1974.
- MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim *Problemas de lingüística descritiva*, Petrópolis, Vozes, 1976.
- . *Estrutura da língua portuguesa*, Petrópolis, Vozes, 1976.

- SCARTON, Gilberto. Para uma pedagogia da expressão escrita, **Letras de Hoje**. Porto Alegre, PUC-RS, 24, 48-58, junho de 1976.
- CLEMENTE, Ir. Elvo. Situação do ensino da língua portuguesa. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, PUC-RS, 24, 44-47, junho — 1976.
- MEC, Comissão do, Fracasso no ensino é geral, **Letras de Hoje**, Porto Alegre, PUC-RS, 24, 34-43 junho — 1976.
- LYONS, John, **As idéias de Chomsky**, Cultrix, São Paulo, 1977.
- CHOMSKY, Noam, "A utilidade da teoria lingüística para o professor de línguas".
- SAPORTA, Sol, "Gramática científica e gramática pedagógica".
- LADO, Robert, **Introdução a lingüística aplicada**, Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1972.
- ALLEN, J. & CORDER, F. "A lingüística e o ensino de línguas".
- MACKEY, Willian, "Lingüística aplicada".
- COSTA, Tania Abdalla, "Como se deve estudar a língua".
- MATTOS, Geraldo & BACK, Eurico, **Prática de ensino da língua portuguesa**, FTD, São Paulo, 1974.